

A SUPERAÇÃO DO DISCURSO HEGEMÔNICO NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EMANCIPATÓRIA

08

Rodrigo Trevisano de Barros¹
Laís Rodrigues da Silva²

Introdução

O objetivo inicial deste trabalho é apresentar tratamento teórico para a construção de uma educação profissional e tecnológica (EPT) crítica e emancipatória. Entendemos que o deslocamento da centralidade do mundo do trabalho para o mercado de trabalho atua como instrumento de falsa representatividade da classe trabalhadora, principalmente a imensa parte que possui necessidades imediatas de sobrevivência em um cenário econômico de exploração e direcionamento dos quereres dos indivíduos nele inseridos. Para tal, conduziremos as discussões ancoradas no pensamento de Ernesto Laclau, que apresenta as dimensões de sustentação do discurso hegemônico e, com isso, apresentaremos as possíveis contribuições de um discurso contra-hegemônico inserido numa EPT emancipatória. Utilizaremos a perspectiva do mundo do trabalho que permite que a EPT contribua com a construção de trabalhadores críticos, orgânicos e emancipados.

O texto que apresentaremos é o desdobramento de uma busca teórica sobre os aspectos hegemônicos dos discursos existentes nas disputas e tensões da hegemonia (GRUPPI, 1978; GRAMSCI, 1980; LACLAU, 2000). A escola profissional emancipatória, entendendo a emancipação não como totalidade plena, inicia o processo delimitando o modo de operar do discurso hegemônico e seu papel no exercício da hegemonia. Almejamos, com isso, identificarmos os elementos do discurso hegemônico vigentes na Educação Profissional e Tecnológica como forma de darmos o primeiro passo para a superação desse cenário de manutenção dos entendimentos. O processo de emancipação humana não é um curso natural e espontâneo na vida dos indivíduos, precisamos identificar as estruturas de manutenção e silenciamentos característicos da hegemonia (GRUPPI, 1978; GRAMSCI, 1980; NOSELLA, 2016).

Assim como Costa (2011), acreditamos que a hegemonia pressupõe, além da política, a constituição de uma determinada moral, de uma con-

1 Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (2018), Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (2013) e Licenciado em Física. Atualmente é docente do Colégio Pedro II, atua no Programa de Pós-Graduação no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT). E-mail: rodrigotrevisano@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4943-1421>.

2 Possui graduação em Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010) e mestrado e doutorado em Ciência, Tecnologia e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (2013). Atualmente é docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Departamento de Física Aplicada e Termodinâmica e atua como pesquisadora assistente no Museu da Vida - Fiocruz. E-mail: lais.silva@uerj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2720-1518>.

cepção de mundo, numa ação que envolve questões de ordem cultural. O processo de modernização tardia ou globalização está intrinsecamente relacionado com os aspectos de construção da identidade cultural que, neste trabalho, acreditamos ser um dos caminhos para a superação do discurso hegemônico. A modernidade implica um processo de rompimento não só com qualquer condição precedente, mas caracteriza também um processo sem fim de rupturas em seu interior. Laclau (1990) traz o conceito de “deslocamento”. Para o autor, uma estrutura deslocada é aquela em que o centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma pluralidade de centros de poder. Para Laclau, as sociedades modernas não têm nenhum centro, ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesmas. Esse deslocamento tem características positivas, ele desarticula as identidades estáveis do passado e contribui, assim como a educação emancipatória, para o desenvolvimento de uma infinidade de identidades diferentes.

1 O discurso hegemônico na Educação Profissional e Tecnológica

Entendemos o espaço escolar como lugar de manifestação da cultura historicamente produzida, contudo, precisamos deixar de conceber a cultura como um saber enciclopédico, em que o ser humano é percebido como um espaço que precisa ser preenchido (GRAMSCI, 2017). Desse modo, a educação profissional passa a ter no mundo do trabalho um aspecto essencial da construção de indivíduos emancipados e capazes de transformarem e serem transformados (FRIGOTTO, 2001). Os discursos hegemônicos instalados delimitam a escola profissional como instituição preocupada em atender a afazeres práticos e imediatos em detrimento de um processo formativo amplo. Sob perspectivas urgentes de inserção no mercado de trabalho e a permanente crise da estrutura capitalista, a formação profissional da classe trabalhadora é conduzida pela inserção no mercado de trabalho, operacionalizando e limitando o exercício intelectual dos indivíduos. Gramsci (2017) salienta a tentativa incessante de que cada grupo social tenha um tipo específico de escola que, segundo o autor, objetiva a perpetuação dos grupos em funções sociais específicas.

Acreditamos que o entendimento dos conceitos a respeito do discurso hegemônico é de grande relevância para a EPT, à medida que se torna uma potencial fonte de reflexão sobre a prática e permite a elaboração de estratégias contra-hegemônicas na busca de uma EPT emancipatória. A divisão da sociedade em opressores e oprimidos (FREIRE, 2005) constrói relações desiguais em que as disputas e tensões rivalizam na tentativa de direcionarem politicamente as ideologias que conduzem os silenciados sob aparente homogeneidade e consenso (COSTA, 2011). Para o autor, os opressores que dominam e preponderam os discursos almejam unificação em torno dos seus projetos políticos, construindo a falsa aparência de consenso, como se os entendimentos e as necessidades fossem homogêneos.

Este é o momento mesmo da hegemonia, conceito que expressa a capa-

cidade de uma classe social unificar em torno de seu programa político e de projeto de sociedade um bloco de forças não homogêneas, marcado por contradições no interior da classe (COSTA, 2011, p. 62).

Gruppi (1978) destaca que a lógica hegemônica dedica-se à capacidade de direção, de conquistar alianças, capacidade de fornecer uma base social. Assim, salientamos a importância de uma escola técnica capaz de formar a classe trabalhadora com a capacidade de tornar o profissional cada vez mais político e o político cada vez mais profissional (FRIGOTTO, 2001; NOSELLA, 2016; GRAMSCI, 2017). A busca pelo monopólio dos discursos tenta subjugar a educação profissional ao mercado de trabalho que articula as instituições, relações sociais e ideais na difusão da visão de mundo do grupo que domina e oprime através dos discursos que disputam e constroem uma lógica de manutenção e subserviência ao que está posto. Para Laclau (1998), ausências no campo social permitem que práticas argumentativas direcionem os entendimentos, conduzindo a sociedade em uma busca pela universalização das interpretações.

O autor trabalha na perspectiva da subjetividade com base na imagem do outro, tentando suprir o que o mesmo não tem, produzindo figuras poderosas e significativas. Entendemos, assim como o autor, que o conceito de hegemonia traduz um discurso particular e que passa a representar algo maior que ele. A hegemonia é a capacidade de representar, enquanto uma posição particular é algo maior, mais abrangente (BURITY, 2014). O processo pelo qual um discurso se torna hegemônico em determinado sistema pode ser tão intenso que desestrutura amplamente as formas de vínculo social, desencadeando uma série de crises, rupturas e deslocamentos. Essas transformações envolvem permanentemente o sujeito, não há hegemonia sem sujeito. Esse sujeito não é sociologicamente definido, o sujeito da hegemonia não é necessariamente uma classe social, os sujeitos são construídos através de práticas identificatórias, envolvem uma dimensão de afeto que não se resumem a um denominador comum a todos os sujeitos submetidos ao discurso hegemônico. Articulando diferentes entendimentos sob aparente unanimidade, o discurso hegemônico se ampara sobre quatro dimensões de sustentação, possibilitando que atores silenciados sofram de falsa representação (LACLAU, 1998; 2000).

Na análise das condições que sustentam o discurso, precisamos entender que elas se completam e não devem ser analisadas desconectadas do conjunto. Quando passamos para a seguinte, sempre carregamos os aspectos da delimitação anterior, sendo a suposição da existência de igualdade de poder a primeira dimensão de sustentação do discurso hegemônico. Partindo dessa premissa falsa, os enunciados possibilitam aos atores inseridos no campo de disputas terem a sensação de que se equiparam nas necessidades e nos espaços de construção dos entendimentos. Visões diferentes de mundo inserem-se nas disputas discursivas sob o imaginário de estarem em igualdade de condições na busca pela representatividade. A segunda dimensão de sustentação é o cancelamento da dicotomia entre o particular e o universal. Diferentes pautas e necessidades aparentam ser uma só, levando os indivíduos a acreditarem que o itinerário é único, as necessidades são uma só e a busca precisa ser de todos. Depreendemos

das duas primeiras uma grande relação entre elas, de modo que a segunda amplia o que foi pensado e discutido na anterior, tendo como base as relações desiguais de poder nas quais um eu poderoso declara algo como universal.

O uso de significantes vazios se apresenta como a terceira dimensão que apoia essa construção discursiva no exercício da hegemonia. Palavras, expressões e símbolos foram exaustivamente esgarçados e permitem tantos significados diferentes ao longo do tempo que já não significam nada, proporcionando que cada um insira neles seus entendimentos. O discurso, para se tornar hegemônico, precisa permitir que os atores sintam-se representados, sendo essa a quarta dimensão de suporte. Ao articular, através dos significantes vazios, supondo que todos partem de um mesmo lugar, diferentes entendimentos e necessidades, o exercício retórico existente na lógica hegemônica desenvolve generalizações nas representações sociais, permitindo um aparente fim das diferenças de classes, e inserindo a sociedade em um sistema de manutenção da ideologia vigente. Destacamos que esse silenciamento não faz com que os diferentes entendimentos e necessidades deixem de existir, mas criam a falsa percepção que elas configuram uma coisa só.

A educação profissional não está imune a esse exercício discursivo, os grupos que protagonizam as competições pelos entendimentos, na condução das massas, querem fazer parecer que toda a classe trabalhadora dispõe dos mesmos espaços de negociação ou que suas necessidades são atendidas democraticamente pelos que exploram seu trabalho. Acompanhando o raciocínio, as manifestações que envolvem a classe trabalhadora suprimem as necessidades de muitos, levando os movimentos sociais e a sociedade em geral a acreditarem que as necessidades e as condições são universais, suprimindo a dicotomia entre particular e o universal. O discurso de mercado de trabalho tenta receber diferentes entendimentos e necessidades e tentam retirar dos indivíduos a perspectiva do mundo do trabalho na construção das identidades do trabalhador. Assim, a palavra trabalho assume um entendimento próprio e particular na forma como constrói suas relações e para o modo como nos apropriarmos do que foi discutido até aqui (GRUPPI, 1978; NOSELLA, 2016; GRAMSCI, 2017).

Acompanhamos o entendimento de Gramsci (1980), ao sustentar a hegemonia como algo que não opera somente sobre a estrutura econômica, mas também sobre a organização política, sobre os posicionamentos ideológicos e sobre a forma de conhecer dos humanos (GRUPPI, 1978). A hegemonia é construída, e todo resultado de uma construção pode durar um longo tempo. São as transformações sociais desencadeadas pelo mesmo discurso hegemônico que são responsáveis por enfraquecer consensos e produzir rupturas no discurso hegemônico. A educação profissional precisa ser capaz de estimular e proporcionar tensões capazes de promoverem essa ruptura não permitindo que o decurso das disputas pelo protagonismo discursivo promova intencionalmente a confusão entre a “crise do trabalho assalariado com o a ideia de fim do trabalho” (FRIGOTTO, 2001).

Alcançar o papel do trabalho na configuração do ser humano se torna um passo importante para delimitarmos a estruturação do discurso hegemônico que insere a escola profissional na manutenção das ideologias que

envolvem a formação profissional. Não negamos as necessidades imediatas dos indivíduos. Comer, dormir e morar são necessidades universais da humanidade, mas são usadas como forma de construir entendimentos que confundem a dimensão formativa do trabalho, permitindo que o único entendimento possível seja o fazer, a subserviência, a exploração, a adequação ao mercado; fazendo com que a dimensão do trabalho assalariado seja a única razoável. Para Frigotto (2001), essa perspectiva permite que a educação profissional atue como instrumento de redução e deslegitimação da própria emancipação humana. O plano ideológico instalado permite que o Estado transforme os indivíduos nos únicos com responsabilidade social.

Gramsci evidencia o papel das disputas na estrutura histórico-cultural, apontando o comportamento ativo dos indivíduos nas mudanças sociais. Assim, precisamos ampliar o potencial emancipatório da EPT, permitindo cada vez mais que o proletário desenvolva seu “humanismo renascentista”³. Esse esforço não pode ser concebido apenas como exercício teórico intelectual, precisa ser incorporado nas rotinas de produção, nas concepções que envolvem o trabalho e seu papel na construção das identidades dos sujeitos que trabalham. O ser humano é um ser histórico e cultural, ao mesmo tempo que constrói é construído pelas ideologias impostas na lógica hegemônica.

2 Educação Profissional e Tecnológica Emancipatória

O objetivo aqui, apoiado nos referenciais da EPT, é construir o entendimento do significado de ser emancipado e o papel do trabalho nessa emancipação (GRAMSCI, 2017). Sustentamos que a EPT é capaz de construir indagações sobre o mundo, sobre o conhecimento e sobre o próprio homem, contribuindo com a percepção do indivíduo como ser social e histórico e que tem no trabalho o aspecto central da construção das identidades (CIAVATTA, 2012). Para que isso aconteça é necessário desenvolver mecanismos que rompam com o discurso comumente construído em alguns modelos de escolas básicas de formação profissional, que chamaremos aqui de discursos hegemônicos.

A dinâmica hegemônica, através dos discursos, trabalha na tentativa de manutenção dos entendimentos, inserindo o ser humano em um processo denominado por Gramsci de senso comum. Essa lógica altera os prismas que usamos para decodificar e entender as situações que vivemos, tendenciando e dirigindo a cultura e a forma como nos relacionamos com ela. O processo educativo deve proporcionar vivências capazes de conduzir a sociedade ao que o autor titula por consciência filosófica. Tendo esse raciocínio como ponto de partida, evidenciamos a capacidade crítica como algo que precisa ser estimulado, principalmente pelos processos educativos que almejam criticidade. Entendemos como emancipação esse processo de de-

3 Para Antonio Gramsci, o homem renascentista personifica e articula a elevada cultura com a capacidade de transformação técnica e artística do mundo natural. Desse modo, as reflexões sobre o humanismo renascentista acompanham boa parte da obra do autor, estabelecendo seus entendimentos sobre a escola moderna do proletariado.

envolvimento das capacidades críticas dos indivíduos, em que eles sejam capazes de perceberem que o mundo não é, ele está de uma determinada forma e é a ação humana o maior agente de mudanças dessas realidades. Os processos educativos emancipatórios precisam permitir que os atores inseridos se percebam como seres históricos, culturais e políticos com toda abrangência que essas palavras podem carregar.

A hegemonia é construída, e todo resultado de uma construção pode durar um longo tempo. São as transformações sociais desencadeadas pelo mesmo discurso hegemônico que são responsáveis por enfraquecer consensos e produzir rupturas na lógica estabelecida. O discurso hegemonicamente instalado tenta deslocar a centralidade do trabalho para o mercado de trabalho, tentando tirar o mundo do trabalho da dimensão de agente protagonista na construção dos indivíduos como seres emancipados. Não negamos a crise nos postos de trabalho que o próprio capital produz, contudo, acreditamos que esta temática torna-se relevante para a EPT à medida que permite a reflexão sobre o discurso, muitas vezes condescendente, com a retirada da capacidade crítica da Educação Profissional e Tecnológica, o que a afasta do processo emancipatório dos indivíduos.

A escola, ao mesmo tempo que permite aos jovens a apropriação da cultura vigente, deve permitir que esses mesmos indivíduos percebam sua capacidade transformadora e o papel da capacidade de fazer dos indivíduos. Desse modo, a luta contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais adequada a uma educação atenta às questões de seu tempo, não é uma obrigação da escola regular. A escola profissional precisa ampliar sua ação nesse lugar de formação da classe trabalhadora, que precisa ser apresentada às reflexões capazes de retirá-las do senso comum, não existindo atividade de que se possa retirar a dimensão intelectual, mas precisamos de experiências formativas que desafiem o trabalhador a ir além dos entendimentos assentados nessas interpretações que assolam a EPT e tentam retirar dela sua capacidade reflexiva (SHON, 2000), transformadora (GIROUX, 1997; 1999) e emancipatória (GRAMSCI, 1980; FRIGOTTO, 2001; NOSELLA, 2016).

Gramsci (2017) nos ajuda a compreender o papel do trabalho na apropriação da cultura de uma classe social, na construção das personalidades e na conquista de uma mente superior, permitindo que os operários entendam seu valor histórico, seus direitos e deveres. Essa capacidade de transformar o ambiente através da ação consciente do trabalho, nos difere dos animais irracionais e centra o trabalho nessa relação cultural e histórica em que o ser humano está imerso (FRIGOTTO, 2012). O discurso hegemônico do mercado de trabalho, associado às necessidades imediatas de sobrevivência, engendra a classe trabalhadora em uma busca por empregos que entregam ao indivíduo toda responsabilidade, tentando retirar do trabalho toda sua centralidade na vida dos seres humanos. É preciso que os processos formativos da EPT busquem retirar os trabalhadores desse senso comum, permitindo que eles percebam que o mundo do trabalho é apropriação da própria identidade, possibilitando ao indivíduo a compreensão do seu valor histórico-cultural. Essa clareza não se dá de modo natural, precisa ser desenvolvida pelos processos socioeducativos em que os trabalhadores estão inseridos, confeccionando uma nova concepção de mundo (GRAMS-

CI, 2017).

As necessidades de sobrevivência em um mundo pautado no e para o capital, associado a denominada dinâmica do mercado de trabalho, tenta retirar dos cidadãos a ação consciente sobre a natureza e todo contexto histórico de identificação e percepção da cultura desses indivíduos através do trabalho. Abandonamos tradições, esquecemos sonhos, alienamos nossa capacidade crítica em busca de uma posição no mercado de trabalho que nos permita sobreviver, nos levando a acreditar que essa responsabilidade é exclusivamente do trabalhador. Essa dinâmica de emprego e não de trabalho nos conduz por um itinerário de manutenção da exploração, de senso comum e perpetuação da dinâmica que tenta substituir o papel do mundo do trabalho na construção das identidades pelo papel do mercado de trabalho nas decisões e escolhas dos silenciados, oprimidos e explorados.

A escola profissional emancipatória amplia a visão de mundo, os prepara para colocá-la em prática inseridos em seus processos de lutas de classes, construindo tensões no campo das ideias, inspirando e orientando a ação política de toda a classe trabalhadora.

Trata-se de elaborar uma nova concepção de mundo através de uma análise crítica e consciente da realidade presente e da intervenção ativa na história, para que se enfrente a concepção de mundo dominante, imposta pelos grupos sociais dominantes (COSTA, 2011).

Não negamos os esforços da educação profissional em auxiliar e colaborar na formação dos explorados, mas as relações de hegemonia assumem uma dimensão pedagógica nas relações sociais. Desse modo, precisamos intensificar o papel emancipatório da EPT nessa dinâmica, modificando o ambiente cultural, possibilitando ao trabalhador perceber que a produção é um meio e não um fim (NOSELLA, 2016). Dessa forma, a formação para o mundo do trabalho assume uma dimensão emancipatória na vida dos trabalhadores. A escola profissional emancipatória precisa repensar as contradições históricas que têm impedido o trabalhador a desvelar seu potencial político, ativo e transformador, engajando-o na luta democrática.

3 Contribuições do discurso contra-hegemônico à Educação Profissional e Tecnológica Emancipatória

Gramsci (1971) sustenta que o debate hegemônico não opera somente na estrutura econômica e na disposição de ordem política da sociedade, estende-se também sobre o modo de pensar dos indivíduos, influenciando entendimentos, concepções, construindo novos modos de conhecer. Desse modo, não propomos a desconstrução de um discurso hegemônico para construirmos um novo, na perspectiva de Gramsci isso seria impossível (GRUPPI, 1978). Um discurso que se proponha contra-hegemônico precisa esvaziar consensos, construir tensões capazes de protagonizar novas disputas, ressignificando concepções.

As sociedades se desenvolveram, e as relações de trabalho se tornaram

mais complexas, foram reestruturadas, ressignificadas, e este processo sempre foi comandado pelas relações de poder aliadas às concepções do trabalho e à reflexão sobre seus propósitos em determinados momentos sociais.

Por sua vez, os sujeitos imersos nessa realidade social também se tornaram mais complexos, já que suas relações interpessoais e maneira de ver o mundo também se alteram com o tempo. Sua formação deixa de ser unilateral e passa a receber influência das diversas demandas sociais surgidas.

A busca por uma EPT emancipatória se inicia com a identificação dos aspectos de edificação do discurso hegemônico de inserção no mercado de trabalho, permitindo que os atores inseridos no debate da EPT se percebam imersos em um sistema que almeja construir falsa representatividade e supressão do particular, produzindo aparente consenso entre as percepções e entendimentos (LACLAU, 2000). Não negamos a necessidade, muitas vezes imediata, de sobrevivência econômica da classe trabalhadora, contudo, esse aspecto é apresentado como o ponto que baliza as decisões e todo processo formativo dos indivíduos. Entendemos que é através do mundo do trabalho que seremos capazes de pensar de maneira contra-hegemônica na EPT, reiterando a concepção de educação básica, não tomando como foco da EPT apenas a geração de empregos (FRIGOTTO, 2001).

O ambiente da Educação Profissional e Tecnológica insere-se na perspectiva do trabalho como princípio educativo e da formação do sujeito de forma crítica e reflexiva, construindo ao longo do caminho um discurso democrático e uma atuação de sujeitos que pertencem efetivamente ao seu meio. No entanto, nem sempre essa perspectiva é alcançada, pois evidenciam-se entraves que impossibilitam essa formação do sujeito de forma crítica e reflexiva.

Acreditamos que o viés mais prejudicial, nesse sentido, está relacionado à perpetuação do trabalho alienado e acrítico; por outro lado, o desenvolvimento de uma identidade crítica e reflexiva pode ser considerado um ponto positivo na busca por uma educação emancipatória.

Quando falamos sobre o pensamento reflexivo e transformador, Gramsci, por meio da concepção de escola unitária, propõe introduzir os jovens na vida social, dispondo de certa autonomia intelectual, bem como de uma capacidade de criação intelectual, além de prática e de orientação independente (MANACORDA, 1990, p. 240). Em Gramsci, o momento hegemônico está fundado nas alianças estratégicas que vão sendo feitas e não pode ser visto enquanto uma identidade previamente definida, para isso se faz necessário refletir a respeito das concepções de identidade.

Com isso, consideramos que a superação do discurso hegemônico contribui de maneira significativa na Educação Profissional e Tecnológica, permitindo uma reflexão sobre os sentidos do mundo do trabalho onde a EPT contribua na formação de futuros trabalhadores que capazes de se posicionar diante de questões sociais, com uma percepção crítica do mundo, autônomos e emancipados. Por sua vez, a adoção do discurso contra-hegemônico na EPT tem a potencialidade de construir sujeitos mais complexos, que saibam exercer sua cidadania e que não sejam reféns do mundo do trabalho. O discurso contra-hegemônico permite uma formação plural, em que os alunos percebam o contexto político e social onde estão inseridos e

que se tornem engajados em construir um mundo diferente do que lhes foi apresentado.

Considerações finais

A reflexão teórica proposta no trabalho tem como um de seus objetivos estabelecer a possibilidade de construção de uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) crítica e emancipatória. Resgatamos as bases teóricas da educação profissional e com ela reflexões acerca do deslocamento do mundo do trabalho e das contribuições do discurso contra-hegemônico nesse processo.

Nessa mesma perspectiva, entendemos que o trabalho como princípio educativo somente se concretiza quando é percebido de maneira histórica e social em seu real sentido, de forma consciente, bem como quando compreendido o processo produtivo em suas diversas etapas e constituições, de maneira a que não se separe a produção manual da produção intelectual.

É importante destacar o papel do discurso contra-hegemônico na construção de uma educação profissional crítica, que compreenda o mundo do trabalho não como mão de obra alienada, mas como sujeitos que atravessam diferentes identidades culturais e contribuem para a não manutenção do processo hegemônico.

Referências

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M; RAMOS, M (orgs.). **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. 3ed. São Paulo: Cortez: 2012. p. 83-106.

COSTA, R. **Gramsci e o conceito de hegemonia**. Cadernos do ICP, n.1. Salvador: Quarteto; São Paulo: ICP, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**, v. 19, n. 1, p. 71-87, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GIROUX, H. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica de aprendizagem**. BUENO, Daniel (Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 3. Rio de Janeiro: Civiliza-

ção Brasileira, 2000

GRAMSCI, Antonio. **El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce**. Ediciones Nueva Visión Buenos Aires por Ediciones Nueva Visión S.A.I.C. Viamonte 494, Buenos Aires, 1971.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, vol 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cronache torinesi**, 1913-1917. Giulio Einaudi, 1980.

GRUPPI, L. **El concepto de Hegemonía en Gramsci**. México: Ediciones de Cultura Popular. Caps. I y V. Págs. 7-24 y 89-111, 1978.

LACLAU, E. Desconstrução, pragmatismo, hegemonia. In: MOUFFE, C. **Desconstrucción y pragmatismo**. Buenos Aires: Paidós, v. 4, 1998. p. 97-136.

LACLAU, E. **New Reflections on the resolution of our time**. Londres: Verso, 1990.

LACLAU, E.; BUTLER, J.; ZIZEK, S. **Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left**. London: [s.n.], 2000.

MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. Cortez Editora, 2016.

SCHON, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.